



ANUÁRIOS E ALMANAQUES: FONTES PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E ORGANISMOS FORMATIVOS.

Melânia Mendonça Rodrigues
(UFCG)

Vívia Melo da Silva
(UFPB)

Resumo

Decorrente da catalogação de fontes para uma pesquisa acerca da gênese e do desenvolvimento da escola pública na cidade de Campina Grande – Paraíba, o artigo focaliza o Anuário de Campina Grande para 1926 e o Almanach de Campina Grande para 1933, objetivando discutir o trabalho educativo-formativo mais amplo por eles desenvolvido. Com base nas formulações gramscianas, tais órgãos da imprensa são considerados como organismos unitários de cultura, no sentido de buscar conformar uma opinião média, de procurar construir consensos acerca de concepções que interessam a determinadas frações da sociedade. Articulando a leitura dos documentos a sua contextualização, no âmbito da imprensa paraibana e da conjuntura campinense nos momentos de sua produção, elegeram-se, como expressões da dimensão educativo-formativa, uma concepção moralizadora de educação, uma cultura personalista e um ufanismo nativista, subjacente ou explicitamente disseminados por todas as duas obras. A leitura do Anuário e do Almanach permite identificar um tom ufanista, mesclado a um discurso laudatório de Campina Grande, até em matérias aparentemente informativas. Quanto ao personalismo, vinculado à exaltação do prestígio pessoal, ambos os periódicos dedicam expressivo número de páginas a homenagens a personalidades notáveis, disseminando uma cultura do mérito individual, da qual deriva o patrimonialismo, conforme indicam os estudos de Sérgio Buarque de Hollanda. Em se tratando da veiculação de uma concepção educativa moralizadora, o estudo também permite identificar, no Anuário e no Almanach, recomendações claras acerca de condutas socialmente aceitas, em que se destaca a atitude de recato e pudor para as mulheres. Por fim, o texto destaca a relevância da análise de órgãos da imprensa, como fontes para a História da Educação e, mais especificamente, indica a necessidade de continuidade dos estudos, seja para aprofundar a discussão dos documentos em tela, seja para buscar sínteses mais amplas, mediante a análise dos anuários e almanaques subsequentes.

Palavras-chave: Fontes. Impressos. Educação em Campina Grande.

Introdução

Investigando a gênese e o desenvolvimento da escola pública na cidade de Campina Grande – Paraíba¹, empreendemos uma busca por fontes nos arquivos públicos e bibliotecas da referida cidade, dentre as quais, a Biblioteca Átila de Almeida, pertencente à Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), na qual encontramos um considerável acervo, incluído obras raras como Almanques e Anuários da Paraíba e de Campina Grande.

¹ Pesquisa que envolve alunas do Curso de Pedagogia da UFCG, vinculadas ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) – CNPQ/UFCG e ao Programa de Educação Tutorial (PET) – SESu/MEC.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Dentre esses últimos, detivemo-nos, mais especificamente, no *Anuario de Campina Grande* para 1926 e no *Almanach de Campina Grande* para 1933, consultando-os, inicialmente, apenas como fontes de dados estatísticos acerca da educação escolar no município. Partíamos do entendimento mais difundido acerca desses documentos, segundo o qual, os anuários

[...] podem ser considerados o produto de disseminação mais tradicional das organizações produtoras de estatísticas, pensados para fornecer ao público uma seleção da ampla variedade de informações que elas, o tempo todo, coletam, processam e analisam (GUIZZARDI FILHO; SILVA; SIDNEY, 2003, p.49).

O manuseio das obras, no entanto, foi-nos demonstrando suas largas possibilidades como documentos para a história da educação, despertando-nos para a observação do “trabalho educativo-formativo” mais amplo por elas desenvolvido, permitindo-nos considerá-las como “organismos unitários de cultura” (GRAMSCI, 2000), que,

[...] [satisfariam] as exigências de uma certa massa do público, que é mais ativa intelectualmente [...] e que é a que mais importa elaborar, fazer pensar concretamente, transformar, homogeneizar, de acordo com um processo orgânico que conduza do simples senso comum ao pensamento coerente e sistemático (GRAMSCI, 2000, p.201).

Assim fundado, nosso estudo orientou-se para uma abordagem global daqueles dois órgãos de imprensa, buscando apreender-lhes a dimensão educativo-formativa mais ampla, considerada como a pretensão de “modificar a opinião média de uma determinada sociedade, [...], introduzindo ‘novos lugares-comuns’” (GRAMSCI, 2000, p. 208, destaque do original).

Nessa direção, pautando-nos no entendimento de que os documentos “expressam e resultam de uma combinação de intencionalidades, valores e discursos; são constituídos **pelo** e constituintes **do** momento histórico.” (EVANGELISTA, s.d., p. 9, negritos do original), nossa leitura desses textos incorporou a recomendação formulada pela referida autora: “nosso esforço deve ser o de apreender o que está dito e o que não está. Ler nas entrelinhas parece recomendação supérflua, entretanto deve-se perguntar-lhe o que oculta e por que oculta: fazer sangrar a fonte” (EVANGELISTA, s.d., p. 10).

Em consonância com tais orientações, articulamos a leitura dos documentos a sua contextualização, no âmbito da imprensa paraibana e da conjuntura campinense nos momentos de sua produção, o que nos permitiu eleger, como as mais nítidas expressões daquela dimensão





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

educativo-formativa, uma concepção moralizadora de educação, uma cultura personalista (HOLANDA, 2008) e um ufanismo nativista, subjacente ou explicitamente disseminados por todas as duas obras.

Nesses procedimentos, inspiram-se as seções do artigo, apresentadas na sequência.

O âmbito da imprensa paraibana

Conforme apresentado por Araújo (1986), apenas nas duas mais importantes cidades da Paraíba, foram publicados almanaques e anuários, observando-se a peculiaridade de serem denominados como “da Paraíba” os editados na capital, João Pessoa.

Dessa forma, no final do século XIX (1898), nasce o *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Estado da Paraíba*, “...composto de uma parte noticiosa, com informações de utilidade pública e outra de cunho literário, histórico e recreativo” (ARAÚJO, 1986, p. 217), cujo segundo número vem a público em 1899, enquanto o terceiro, só no ano de 1907. A partir dessa data e até o último ano registrado pela autora, 1922, a publicação carece de uma periodicidade constante, sendo editada, por três anos consecutivos, no período 1912-1914, mas somente contando com outras duas edições, nos anos de 1917 e 1922.

Em que pese tal inconstância, a relevância desse impresso é destacada por Araújo (1986), ao afirmar: “Todos esses almanaques traziam estatísticas sobre as riquezas do Estado, expedientes de órgãos governamentais, informações de interesse político e econômico. Pode-se dizer que os almanaques constituem documentos valiosíssimos da História da Paraíba” (p. 217).

Ao lado do Almanaque, a partir de 1916, é editado o *Anuário Estatístico da Paraíba*, “... uma seca abordagem informativa e estatística com dados sobre a demografia no Estado, quantidade de casamentos, nascimentos, óbitos e outros detalhes” (ARAÚJO, 1986, p. 219).

Em 1934, a publicação recebe a denominação de *Anuário da Paraíba*,

[...] impresso na Imprensa Oficial. Com feição essencialmente literária, esse almanaque nascia com ares de erudição e com certeza pretendia ter continuidade em edições sucessivas, anualmente. [...] De acordo com seu editorial, a publicação pretendia ainda ‘ter mais alguma coisa que a simples e modesta posição de Almanaque, no periodismo paraibano’(ARAÚJO, 1986, p. 219, destacado no original).





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Intitulado de *Anuário da Terra Paraibana*, sai, no ano de 1959, uma “publicação informativa, estatística e literária que trazia artigos sobre ciências sociais, artes, matérias ligadas à área de saúde, etc” (ARAÚJO, 1986, p. 220).

Considerando os almanaques ou anuários como “valiosos balanços do patrimônio público de um Estado” (ARAÚJO, 1986, p. 220), a autora citada lamenta o fato de, durante a década de 1960, tais publicações não terem circulado, lamentando “... quantos episódios deixaram de ser documentados, quantas riquezas deixaram de ser registradas” (p. 220).

Avaliação também positiva é a proferida por José Américo de Almeida, na Apresentação do *Almanaque da Paraíba*, do ano de 1973: “O Almanaque da Paraíba constituiu, no seu tempo, um inesgotável elemento de divulgação. História, Economia, Política, Administração, Literatura, reportagem, Vida Social, tudo continha em suas páginas, que representam copiosas fontes de consulta” (ALMEIDA *apud* ARAÚJO, 19986, p. 220-222).

Mais recente, embora igualmente infrequente, é a publicação do *Anuario de Campina Grande*, de João Mendes, lançado no mesmo dia do Álbum Industrial de Campina Grande, publicado por José B. do Amaral, em 26 de dezembro de 1925 (CÂMARA, 1947, p. 78). O Anuário de Campina Grande volta a ser editado na década de 1980, por três anos consecutivos – 1980, 1981 e 1982.

Em 04 de outubro de 1932, surge o *Almanach de Campina Grande* para 1933, do poeta Euclides Vilar, cujo segundo número sairá em 1933, para o ano de 1934 (CÂMARA, 1947).

O contexto local: Campina Grande

Situada no Agreste Paraibano, Campina Grande, desde os primeiros momentos do aldeamento surgido no final do século XVII, desempenha um papel estratégico na ligação do litoral ao sertão, caracterizando por uma intensa mobilidade da população e pelo desenvolvimento da atividade comercial, elemento fundamental não apenas para configuração do perfil do nascente povoado, como também para sua elevação à condição de vila e de cidade, com a emancipação municipal ocorrida na segunda metade do século XIX, mediante a publicação e aprovação da seguinte lei:





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

LEI N. 127

De 11 de Outubro de 1864.

Sinval Odorico de Moura, Bacharel Formado em Ciências Jurídicas e sociais pela Academia de Olinda, Oficial da Imperial Ordem da Rosa, e Presidente da Província da Paraíba do Norte: Faço saber a todos os seus habitantes que a Assembléia Legislativa Provincial resolveu, e eu sanciono a Lei seguinte:

Art. Único – A Vila de Campina Grande fica elevada a categoria de cidade, conservando a mesma denominação, e revogadas as disposições em contrário.

Mando, portanto, a todas as autoridades, a quem o conhecimento e execução da presente Resolução pertencer, que a cumpram e façam cumprir e guardar tão inteiramente como nela se contém. O secretário desta Província a faça imprimir, publicar e correr.

Palácio do Governo da Paraíba, em 11 de outubro de 1864.

Sinval Odorico de Moura (conforme ALMEIDA, 1978, p. 132-133).

Considerada como polo de atração dos tropeiros viajantes e comerciantes das regiões mais próximas, Campina Grande “despertou ao ascender das luzes do século XX como um já promissor centro comercial e industrial, produzindo e comercializando as principais manufaturas da época: algodão e sisal” (BARBOSA, 1999, p. 28).

Reforçando esse crescimento, em 1907 é implantado o ramal da *Great Western of Brazil Railway Company Ltda* naquela cidade. Essa implantação da estrada de ferro promoveu um acelerado crescimento a Campina Grande, convertendo-a no mais importante centro urbano do interior nordestino. Desde 1907, comboieiros do sertão paraibano e de estados vizinhos passaram a procurá-la com a finalidade de embarcar mercadorias.

A construção da ferrovia não somente impulsionou o desenvolvimento local, mas também modificou a aparência da cidade de Campina Grande, pois, “sem eliminar o tradicional burro, o trem trouxe maior velocidade no escoamento das mercadorias e facilidade na locomoção das pessoas” (GONÇALVES, 1999, p.35).

Após essa implantação, a cidade passou por acelerado processo de crescimento e modernização. Vieram as acomodações de lojas, indústrias e diversas outras instalações necessárias a uma cidade em desenvolvimento. Algumas dessas instalações foram: em 1918, chegada do automóvel em Campina Grande; 1920, instalação da luz elétrica; 1923, inauguração da Agência do Banco do Brasil; 1924, inauguração do primeiro grupo escolar de Campina; 1925, implantação do novo mercado público (CÂMARA, 1947).





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

De acordo com Sousa (2007), a instalação de diversos equipamentos urbanos e instituições foram dando um caráter moderno a Campina Grande. Para este autor, nos anos seguintes ao de 1924 o melhoramento continuou nessa cidade, pois em 1925 foi inaugurada a primeira fábrica de sabão; em 1926, iniciada a construção do hospital Pedro I e fundada a Associação Comercial; em 1928, a instalação das primeiras fábricas têxteis; entre outras implantações.

Para Pimentel (1958) é, precisamente, a partir de 1930 que essa cidade aumentou substancialmente seu movimento comercial, já que foi quando entraram em tráfego normal os caminhões transportadores de cargas.

Todavia, no que concerne à educação escolarizada pública, percebemos um descompasso em termos de desenvolvimento na cidade, durante as três primeiras décadas do século XX, já que, como ressalta o *Almanach de Campina Grande* (1932), somente dispunha de instituição primária pública, qual seja Grupo Escolar Solon de Lucena.

O anuario de Campina Grande para 1926

Evocando o alerta de Andreotti (s.d.) acerca do uso de reproduções dos documentos – fotocópias, fotografias ou imagens escaneadas – que “não garante[m] a originalidade da materialidade da fonte” (p. 5), consideramos pertinente esclarecer que tivemos acesso a um exemplar original do *Anuario* apenas uma vez, por empréstimo de um pesquisador, quando fotografamos a capa, a quarta capa e as páginas referentes à educação.

Posteriormente, adquirimos e trabalhamos com uma reprodução desse documento, fotocopiada e ampliada em tamanho A4, na qual identificamos alguns problemas, como páginas repetidas, páginas sem numeração e textos sem título, mas que não comprometem a estrutura ou o conteúdo do documento.

O *Anuario* contém 176 páginas numeradas, dedicadas às diversas matérias – de cunho estatístico, informativo ou literário – que o constituem, dispostas indiferenciadamente, sem agrupamento por seção. Permeando ou separando as matérias, páginas não numeradas apresentam anúncios publicitários ou fotografias de personagens ilustres, de edificações, logradouros, obras públicas e de grupos sociais da cidade.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Lançado em meados da década de expressivo crescimento econômico de Campina Grande e de apogeu da comercialização do algodão, o *Anuario* incorpora, já na sua capa (Figura 1), um viés ufanista, articulando a atividade comercial às ideias de progresso e fortuna, ao apresentar, em primeiro plano, uma representação do deus Hermes/Mercúrio com o pé direito pousado sobre o globo terrestre. No segundo plano, fazem-se presentes as outras duas atividades econômicas, a indústria e a agricultura, respectivamente, à direita e à esquerda do deus.



Fig. 1 – Capa e folha de rosto do *Anuario de Campina Grande* para 1926

Na mesma direção, ao final do volume, a quarta capa apresenta uma fotografia panorâmica, com uma vista parcial da cidade, encimando a legenda “A cidade maravilhosa de commercio e industria da Parahyba”.





Fig. 2 – Quarta capa do *Anuario de Campina Grande* para 1926

O tom ufanista mantém-se, mesclando-se a um discurso laudatório de Campina Grande naquela seção correspondente ao editorial do *Anuario*, denominada de *Algumas Palavras*, em que o editor João Mendes apresenta a obra, como segue.

Quando em 1921 o Paiz inteiro se preparava para a celebração do centenário de sua independência política, em sessão realizada no Gabinete de Leitura 7 de Setembro, desta cidade, alvitramos a Idea de ser publicado um livro que attestasse lá fora, **o surto do nosso progresso** e as nossas mais altas possibilidades, **dado o extraordinário desenvolvimento commercial** que se vem operando em nosso meio.

[...]

E quando outro valor não tenha o nosso trabalho, atestará ao menos o **esforço ingente** com que **luctamos para mais dignificar a nossa terra**, “a formosa princesa da Borborema” (MENDES, 1925, p. 3, aspas do original e negrito desta citação).

Expressando, de modo nítido, o caráter educativo-formativo a que nos referimos, as investidas no sentido de conformar uma opinião média, de tornar consensual a concepção grandiosa acerca da cidade, também se manifestam em matérias aparentemente informativas, como “Campina Grande: notas e datas subsidiarias para a sua futura historia”, da qual consta a afirmação a seguir transcrita, culminando a descrição do processo de fundação da cidade: “Qualquer espírito com certo discernimento que, então, relanceasse as vistas sobre o pequenino





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

povoado tiraria, imediatamente, a illação de estar elle predestinado a um futuro glorioso” (ANNUARIO, 1925, p. 5).

E, ainda nessa direção, o texto “Mentalidade campinense” afirma:

[...] finalmente, em todos os ramos da actividade mental, inumeros patricios, dotados com o privilegio espiritual do talento, têm demonstrado, iterativamente, que Campina não é, sómente, o centro de maior surto commercial do Estado: é, também, um agitado foco de irradiação intellectual, com tendência para realizações imprevistas (ANNUARIO, 1925, p. 20).

A citação anterior já remete para o segundo aspecto, por nós destacado, como constituinte do caráter formativo do *Anuario*: o personalismo, traço presente desde nas origens da sociedade brasileira, intrinsecamente vinculado à exaltação do prestígio pessoal (HOLANDA, 2008).

Ao longo do documento, aproximadamente trinta páginas são dedicadas a homenagens a esses “inúmeros patricios” notáveis, cujas fotos – apresentadas individualmente ou em conjunto com outras duas ou três – vêm acompanhadas de legendas pródigas em adjetivos como “notável”, “denodado”, “incansável”, “inspirado”, “emérito” e outros, de modo a inculcar, nos leitores, a cultura do mérito individual, do personalismo do qual deriva o patrimonialismo na política brasileira (HOLANDA, 2008). À guisa de ilustração, a figura 3 apresenta a foto da única personalidade do gênero feminino destacada *pelo Anuario*, senhorita Brigida Guimarães, cuja legenda é: “Directora da ‘Organização Remington’, exemplo dignificante de intelligencia e trabalho” (ANNUARIO, 1925, s.p.) .



Fig. 3 – Página de homenagem – Anuario de Campina Grande





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Reforçando o aspecto personalista, para além das referidas homenagens, a partir da página 151, o *Anuario* destaca algumas figuras, dedicando-lhes artigos específicos, como sejam:

- Epitacio Pessôa – dinamizador de energias nacionais (p. 151-155);
- Christiano Lauritzen – o velho ex-prefeito (p.157-160);
- Monselhor Luiz F. de Salles – padrão da moral campinense (p. 161-163);
- Lino Gomes da Silva – belletrista exímio, ardoroso pamphletario (p.165-167);
- Dr. Affonso Campos – luminosa intelligencia de alto politico (p. 169-171);
- João Lourenço Porto – antigo chefe de um dos mais poderosos partidos (173-1740);
- Professor Clementino Procópio – o decano do magistério campinense (p. 175-176).

Registramos, por fim, a diminuta presença de matérias de cunho especificamente literário na obra em estudo. Com efeito, apenas seis poemas, de autores já conhecidos à época, constam do *Anuario*, cinco dos quais, sonetos românticos. A exceção é a poesia matuta, *Um foiguêdo no bréjo*, de José M. Maciel.

Importante é destacar que, segundo interpretamos, tais sonetos, mais além do deleite estético, cumprem o papel formativo de indicar condutas socialmente aceitas, ou seja, de disseminar uma concepção educativa moralizadora, quando, por exemplo:

- enaltecem o amor “despido de interesse” – *Sombras que passam*, de autoria de Ramos dos Vasconcellos (p. 135);
- recriminam as “pessoas perversas”, “que vivem a corroer a humanidade” – *Rato*, de Antonio Telha (p. 137);
- elogiam uma atitude de recato e pudor para as mulheres – *Sonhando*, de Odilon Luna, do qual extraímos o excerto transcrito a seguir.

Curvando-se, perscruta, inda nervosa,
Afastando a cortina esbranquiçada...
Da alvíssima camisa decotada
Debruçam-se os seios cor de rosa...

Assusta-se, corando de pudor...
E reciosa que alguém os visse em cheio
Com a trança desgrenhada cobre o seio (ANNUARIO, 1925, p. 145)





O Almanach de Campina Grande (1933)

O Almanach de Campina Grande, publicação referente ao ano de 1933, sob a direção de Euclides Villar, é

adornado de gravuras, enriquecido com muita matéria de utilidade publica, ampliado com diversas anedotas, pensamentos, receitas, charadas, etc, com o retrato e a biografia do falecido campinense Dr. Affonso Campos e uma serie de annuncios das pincipaes casas commerciaes (ALMANACH DE CAMPINA GRANDE, 1932, p.-)

Trata-se, portanto, de um documento direcionado “ao mundo litterario, charadístico e commercial” (ALMANACH DE CAMPINA GRANDE, 1932, p. 06), editado com a colaboração de diversos escritores e poetas, a exemplo de Epaminondas Câmara, reconhecido escritor campinense. Observamos, a partir de evidências apresentadas no próprio Almanach, que se refere à primeira publicação do gênero para o ano de 1933. Nas primeiras páginas, em um item intitulado como “Aos nossos leitores”, o diretor indica: “o primeiro exemplar do Almanach de Campina Grande para o anno de 1933, publicação que se não representa um trabalho completo no genero pelo menos demonstra uma grande força de vontade da parte dos seus directores”(VILLAR, 1932, p. 06).

É importante ressaltar que estamos manuseando uma publicação original da Livraria Campinense, com parceria da T. Barros & Ramos dos fins do ano de 1932, com algumas páginas com marcas do leitor e desgastadas pela ação do tempo e da má conservação documental.

No que tange aos aspectos formais do Almanach, de aproximadamente 19x13 cm, é editado em folhas de papel tipo jornal, com algumas páginas em papel bíblia de cor diferenciada, dedicadas à propaganda publicitária de armazéns, alfaiatarias, miudezas, perfumarias, entre outras, distribuídas aleatoriamente no Almanach.

Outro destaque são as fotografias e ilustrações, geralmente usadas nos enigmas e no momento de homenagens. Além desses aspectos, ressaltamos também as cores diferenciadas da fonte utilizada, predominantemente preta e, em alguns momentos o uso das cores: azul, vermelho





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

e marrom. Essas diferenciações, exceto de imagens, integram a última parte do Almanach, no que categorizamos como segunda seção.

Estruturalmente, a publicação é organizada em duas grandes seções, quais sejam: uma primeira, direcionada aos informativos estatísticos e anúncios comerciais e outra, voltada à literatura, distribuídas em um total provável² de 158 páginas. É fundamental especificar que a definição dessas seções está explicitada da seguinte forma no Almanach: a primeira, *Commercio, profissão, industria, repartições publicas, collegios, sociedades, etc* e a segunda *Parte literaria, historica, recreativa, etc.*

As primeiras páginas do Almanach, isto é, o que se encontra antes da apresentação e das seções, são dedicadas a uma homenagem, *in memoriam*, ao político filho da cidade, Afonso Campos. Homenagem essa, inclusive, com fotografia do político, que explicita o espaço conferido, pela publicação, às homenagens de figuras paraibanas, principalmente políticos e homens que foram considerados relevantes socialmente. No texto dedicado ao falecido, é bastante presente um caráter enaltecedor da personagem. Podemos perceber nas seguintes palavras:

Falar no nome altíssimo de Afonso Campos é, de certo, evocar um passado que sugestiona e comove. É sentir, bem viva, a força, a fascinação de uma individualidade que viveu em evolução perene: fascinação que ainda hoje se reflete naqueles que o conheceram, induzindo-os, concomitantemente, a discernir algo de superior e imoral, em todos os lances de uma vida torturada de político, mas político de ideias nobres e elevadas, político que soube manter sem labéus o seu caráter e colocar-se sempre à altura de sua impressiva mentalidade. (ALMANACH DE CAMPINA GRANDE, 1932, p. 11-12)

Na homenagem a Afonso Campos, além de destacar sua atuação como político, como salientamos anteriormente, era motivo de destaque sua competência como intelectual, como nos termos que se seguem “a Afonso Campos, cultor abnegado da ciência de Justiniano, espírito forrado de sólida cultura jurídica e filosófica” e “um homem de inteligência e de caráter, a quem a politicagem não corrompeu” (ALMANACH DE CAMPINA GRANDE, 1932, p. 13-14). Os trechos apresentados evidenciam o espaço conferido às homenagens no *Almanach de Campina Grande*.

² Como já explicitamos se trabalha com uma publicação original, com traços de má conservação, comprada recentemente em Sebo. Portanto, não se sabe se faltam páginas.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

A primeira seção, de caráter informativo, especificada *Commercio, profissão, industria, repartições publicas, collegios, sociedades, etc*, inicia-se com informações relativas ao comércio, indústrias e profissões em Campina Grande. Em seguida, um item intitulado “Informações”, no qual, fundamentalmente, vamos encontrar os primeiros destaques quanto à educação, particularmente o ensino.

Nesse item, são arroladas as instituições de ensino existentes em Campina Grande, com seus respectivos endereços. São mencionados dezoito (18) estabelecimentos, públicos, privados, primário, secundário, comercial. A seção é fechada com uma crônica de Epaminondas Câmara, na qual destaca datas importantes para Campina Grande, referentes ao ano de 1923, publicações ofertadas, expediente e colaboradores.

A segunda seção, *Parte literaria, historica, recreativa, etc.*, é a parte mais densa do *Almanach*, tanto em termos de conteúdo quanto de páginas. São duzentos e trinta e oito páginas, distribuídas em crônicas, enigmas, chamadas, logogrifos, poemas, anedotas, textos literários em geral, receitas culinárias, propagandas comerciais em folhas destacadas pelo papel e cor, como mencionado anteriormente, e fotografias.

Dessa seção, interessa-nos, nesse texto, discutir os aspectos que estão, direta ou indiretamente, relacionados ao caráter educativo expresso nos poemas, crônicas, enfim, textos em geral especificados e nas fotografias.

Dos vários textos editados no *Almanach de Campina* de 1933, selecionamos alguns para discussão. Nossa seleção contempla textos que, de alguma forma, passavam uma orientação moralista ou um ufanismo dedicado à Campina Grande e, por fim, as imagens ou fotografias que propagavam exaltações e homenagens.

Em “Os velhos” de Mesquita Neto, o autor procura guiar o leitor ao respeito à velhice. É um texto basicamente direcionado à juventude, para ter consideração e apreço aos “velhos”, assim denominados pelo autor na época. É essa a orientação passada por Mesquita Neto,

Não zombeis, nunca, dos conselhos dessas criaturas que já passaram por todos os desenganos, que já sofreram dores inúmeras e se avisinham do ponto-final da existência; os velhos são dignos de nosso respeito, meus filhos; eles representam a experiência, a bondade e não tem interesse de prejudicar quem quer que seja; vivem das recordações mais queridas e do amor aos filhos e netinhos; os velhos são traços de união passado e o presente; são crianças de cabelos brancos e





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

pernas trôpegas; na longa jornada, seu coração, passando pelo cadinho de todas as dores, de todas as decepções, ficou igual ao das crianças - puro e bom. Amai os velhinhos, meus filhos!(MESQUITA NETO, 1932, p.88)

O caráter moralista e educativo desse trecho é inegável. Observamos que a orientação aos leitores é muito clara, não somente para o respeito aos que se encontravam nessa fase da vida, mas também para reconhecê-la nos nortes apresentados pelo autor. Portanto, a própria ideia de velhice fica explicitada no texto.

Outro texto que nos chamou atenção foi “O belo sexo”, assinado por Joel Rocha, cujo norteamto implícito repassa aos leitores a imagem da mulher como figura bela e adorável, indispensável à vida do homem. Usando o exemplo bíblico de Adão e Eva para ressaltar a mulher como encanto do paraíso, o autor destaca “o Eden sem Eva não seria o Paraíso. Sem a doçura do seu sorriso Adão não gozaria o Jardim de delícias. Sem o seu influxo bemfazejo a vida lhe seria um suplício ínfimo” (ROCHA, 1932, p. 251).

Espaços também são dedicados ao ufanismo campinense. Um exemplo nesse sentido é o texto de Mário Melo, que recorda sua história de vida, fazendo uma espécie de autobiografia, destacando a então cidade de Campina Grande. Relatando um momento em que retorna a cidade e se depara com a estrada de ferro o autor assim ressalta essa cidade

Nunca me esquecera da cidade da minha meninice. Trinta anos depois, quando a estrada de ferro já chegava a Campina Grande, encontrei a oportunidade de revê-la. Somente quem já esteve em igual situação poderá compreender o meu estado d’alma ao sentir que me aproximava do que eu poderia chamar a cidade encantada (MELO, 1932, p.90).

Outra evidência nessa direção é o soneto de Anésio Leão. Acompanhem os versos:

Campina, eu te amo e quero-te! E, á medida
Que o tem corre eu passo sem te ver,
Cresce a torrente do meu bem-querer,
E mais amada me és e mais querida!...

E não é só porque em ti nasci
E têm em ti meus filhos o seu berço
Que te amo e quero assim com tanto ardor!

Mas, sobretudo, porque foi em ti
Onde forjei o meu primeiro verso
E onde nasceu o meu primeiro amor!(LEÃO, 1932, p.96)





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Nesses versos, também é enfático o culto à cidade de Campina Grande.

Em se tratando de aspectos informativos, o *Almanach* também não é nulo. Traz, por exemplo, informativos concernentes à localização de Campina Grande e seus devidos limites.

Ademais, nessa mesma linha, temos o texto de João Norberto que aborda conhecimentos de Língua Portuguesa, sob o título “Percentagem ou Porcentagem?”, no qual através da etimologia da palavra explica porque deveriam usar porcentagem ao invés de percentagem.

Finalizando essa discussão a partir do *Almanach de Campina Grande* de 1933, destacamos o uso da fotografia, quase sempre de imagens da cidade ou de pessoas consideradas importantes. O conjunto dessas fotografias, ora dispostas de forma aleatória, no caso de imagens da cidade, ora junto ao texto, no caso de personagens, leva-nos a pensar na ideia de chamar a atenção do leitor para determinados aspectos e assuntos, visto que a imagem é uma forma de atrair a percepção dos leitores. Ademais, induzir a uma compreensão, a exemplo da exaltação a figuras políticas.

Uma observação

As considerações aqui apresentadas acerca do *Anuario* para o ano de 1926 e do *Almanach* para o ano de 1933 demonstraram a relevância de estudos voltados à análise mais detida de órgãos da imprensa, como fontes para a História da Educação.

De nossa parte, trata-se de uma tarefa ainda inconclusa, levando-se em conta tanto a gama de aspectos a aprofundar, nos documentos em tela, como a necessidade de complementar os estudos, mediante a análise dos anuários e almanaques subsequentes.

Referências

ALMANACH DE CAMPINA GRANDE. Diretor: Euclides Villar. Livraria: Campinense, Ano I, 1932.

ALMEIDA, Elpidio de. **História de Campina Grande.** 2ª ed. João Pessoa: Editora Universitária/ UFPB, 1978. (Coleção Documentos Paraibanos).

ANDREOTTI, Azilde L. **Acervo de fontes de pesquisa para a História da Educação brasileira:** características e conteúdo. s. d. Disponível em < http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos_frames/artigo_024.html > Acesso em 10 de março de 2012.

ANUARIO DE CAMPINA GRANDE PARA O ANO DE 1926. Director: João Mendes. Recife: Oficina Gráfica Jornal do Commercio, 1925.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

ARAÚJO, Fátima. **Paraíba: imprensa e vida.** João Pessoa: Grafset, 1986. 405 p.

BARBOSA, Fabrício Lira. De **rainha a Plebéia: inventário das transformações urbanas e arquitetônicas de Campina Grande entre 1935-1945.** Natal: Trabalho de conclusão do curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela UFRN, 1999.

CÂMARA, Epaminondas. **Datas campinenses.** Campina Grande, 1947.

EVANGELISTA, Olinda. **Apontamentos para o trabalho com documentos de política educacional.** s.d. Disponível em <http://www.dfe.uem.br/texto/Olinda.PDF> Acesso em 20 de fevereiro de 2012.

GONÇALVES, Regina Célia (org.). **A questão urbana na Paraíba.** João Pessoa: Ed. Universitária /UFPB, 1999.

GRAMSCI, Antonio. *Caderno do Cárcere 24: Jornalismo.* In: _____. **Cadernos do Cárcere: Os intelectuais; o princípio educativo; jornalismo.** Editor Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. v. 2, p. 196-213.

GUIZZARDI FILHO, O.; SILVA, Z. P. da; SIDNEY, I.E.P. **Anuários Estatísticos retratos de diferentes épocas.** Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/spp/v17n3-4/a06v1734.pdf>. Acesso em 12 de fevereiro de 2012.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil.** 26. ed. 29 reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

MENDES, João. Algumas palavras. **Anuário de Campina Grande para o ano de 1926.** Recife: Oficina Gráfica Jornal do Commercio, 1925.

PIMENTEL, Cristino. **Pedaços da História de Campina Grande.** Campina Grande-PB: Livraria Pedrosa, 1958.

SENRA, Nelson de Castro. **Um Olhar Sobre os anuários estatísticos.** Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-19651997000100002&script=sci_arttext . Acesso em 10 de março de 2012.

SOUSA, Fabio Gutemberg R.B. de. A parahyba do Norte na passagem do século XIX para o século XX: vida urbana e modernidade. In: _____; SOUZA, Antônio Clarindo B.(orgs). **História da Paraíba – ensino médio.** Campina Grande: EDUFCG, 2007, p.121-138.

